



O SUJEITO E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM NARRATIVAS DIGITAIS

Mitia Risi dos Santos Costa¹

1 INTRODUÇÃO

Na atual conjuntura, em que desdobram as relações socioeducativas mediadas pelas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), a multiplicidade de linguagens, semioses e mídias envolvidas na produção de textos suscita mudanças significativas nas maneiras de ler, de produzir e de fazer circular textos nos mais variados contextos sociais. (CHARTIER, 1998; BEAUDOUIN, 2002, apud ROJO (2010).

Em vista das novas ferramentas de leitura e produção de textos, poder-se-ia conjecturar, portanto, uma inevitável transformação nos formatos dos textos que passariam a circular, inicialmente, nas mídias sociais, até atingir os demais âmbitos da sociedade. Acerca dessa noção, Paiva (2007) assevera que, “com o advento das tecnologias computadorizadas, novos formatos de produção de texto emergem nas práticas sociais da linguagem, dentre elas, a narrativa multimodal e multimídia. ”

Esse fator fomenta o questionamento acerca do fato de a escola não ter dado, ainda, o devido respaldo aos letramentos multisemióticos, “exigidos pelos textos contemporâneos, ampliando a noção de letramento para o campo da imagem, da música, das outras semioses que não somente a escrita, como já prenunciava, por exemplo, a noção de “numeramento” cunhada no campo da Matemática” (ROJO 2010).

Ainda conforme a autora, é essencial a noção que se deve ter a respeito dos meios semióticos, os quais são essenciais ao uso da linguagem, na medida em que esses meios “têm transformado o letramento tradicional (da letra/livro) em um tipo de

¹ Mestranda em Linguística do ProfLetras da Universidade Federal de Alagoas; Professora de Língua Portuguesa da Rede Municipal de Ensino.

letramento insuficiente para dar conta dos letramentos necessários para agir na vida contemporânea” (MOITA-LOPES; ROJO, 2004).

A proposta de produção de narrativas digitais, como forma de possibilitar ao aluno sua integração no mundo efetivamente letrado, tendo em vista a teoria dos multiletramentos, pressupõe uma reflexão acerca do processo de construção de sentidos nesses novos formatos de textos que vêm sendo produzidos por alunos nas aulas de Língua Portuguesa.

É insofismável que as inovações nas formas de narrar histórias suscitam o aprimoramento das habilidades intrínsecas à compreensão de textos. Desse modo, torna-se conveniente analisar de que modo e em que medida essas mudanças têm interferido nos processos de abstração.

Nessa instância, convém, pois, levar em conta que as inovações nas formas de narrar histórias impõem o aprimoramento das habilidades essenciais à compreensão de textos. Por conseguinte, cabe circunstanciar o modo pelo qual os sujeitos atribuem sentido ao discurso em textos multimodais, com recursos hipermidiáticos, explorando a hibridização.

Essa questão tende a interferir nos processos de compreensão das narrativas digitais, na medida em que esses textos multimodais integram diferentes mídias, por meio dos quais os aprendizes expressam suas subjetividades, produzindo e utilizando arquivos de imagens, fotografias, áudios, vídeos, textos escritos, músicas.

Nesse sentido, à luz da Análise do Discurso e com fundamentação em Michel Pêcheux², respaldada por Foucault e Orlandi, será analisado, neste artigo, como se representam, nas narrativas digitais, os sujeitos historicamente constituídos, e de que forma suas subjetividades são nelas registradas.

² O filósofo francês Michel Pêcheux (1938-1983) é o precursor e o maior expoente da linha de estudos conhecida como Análise de Discurso de escola francesa.

2 A ANÁLISE DO DISCURSO: AS RELAÇÕES ENTRE LÍNGUA, DISCURSO, IDEOLOGIA E SUJEITO

... um discurso não apresenta, na sua materialidade textual, uma unidade orgânica em um só nível que se poderia colocar em evidência a partir do próprio discurso, mas que toda forma discursiva particular remete necessariamente à série de formas possíveis, e que essas remissões da superfície de cada discurso às superfícies possíveis que lhes são (em parte) justapostas na operação de análise, constituem justamente os sintomas pertinentes do processo de produção dominante que rege o discurso submetido à análise (PÊCHEUX, 1997b, 105-106).

Na conjuntura sócio-política da França na década de 60, sobretudo no contexto de grandes tensões e de revolução, um grupo de reivindicadores intelectuais dentre os quais se destacavam J. Lacan (na psicanálise), R. Barthes, L. Althusser, J. Kristeva, C. Lévi-Strauss (na antropologia), M. De Certeau (na historiografia), todos vinculados ao partido comunista francês, tiveram grande representatividade nessa conjuntura de crise, sobretudo na grande crise teórica que caracterizou o momento. Esse período, marcado por uma superação dos paradigmas do estruturalismo francês, “fez da linguística a ciência-piloto; os estruturalistas tentaram definir seus métodos tendo como referência a linguística”. (HENRY, 1997, p. 27).

Com isso, houve uma passagem de uma “linguística da frase” para uma “linguística do discurso”. (ROBIN, 1977). Com essa mudança, os estudos linguísticos passaram a pensar em um diálogo com a *parole*, o que veio a controverter os paradigmas privilegiados pela *langue* saussuriana, que via a língua como um sistema abstrato, coletivo, do qual se podia extrair um produto lógico de descrição.

Com a superação de tais paradigmas, o sujeito e os elementos sócio-históricos ganham destaque em sua inter-relação. Nesse panorama, a linguística preocupava-se já com a análise de um objeto³ “além da frase”; em outras palavras, preconizava-se a abordagem da articulação entre o material linguístico e seu exterior. Nessa instância, a partir do conceito de materialismo histórico articulado à Linguística, inaugurou-se o campo do conhecimento conhecido como Análise do Discurso, doravante (AD), neste trabalho.

³ Diferentemente da Linguística, o objeto da AD que Pêcheux propõe é o discurso, e não a língua.

Cabe salientar que a história da AD na França, conforme Malidier (1997), pode ser abstraída mediante dupla fundação: Jean Dubois e de Michel Pêcheux, que, não obstante as divergências assinaladas entre suas ideias, partiram do mesmo ponto: o panorama da França da época. (GREGOLIN, 2003, p. 23). Ligados ao marxismo e à política, Dubois e Pêcheux foram os precursores desse campo do saber mediante a publicação do artigo *Lexicologia e análise do enunciado* (Dubois) e *Analyse automatique du discours* (Pêcheux).

Gregolin (2006a, p. 35) destaca que “o solo epistemológico da AD foi fertilizado pela interpretação que cada um desses autores [Althusser, 4 Cf. Gregolin (2003). Lacan, Bakhtin, Foucault] fez daquilo que Pêcheux chamou de “tríplice aliança”, em torno de Saussure, Marx e Freud. ”

Com base no pensamento de Mussalim e Bentes (2004), o projeto althusseriano tem como perspectiva a linguística, tendo em vista que a linguagem se manifesta como lugar privilegiado em que se materializa a ideologia uma vez que a ideologia deve ser entendida em sua materialidade. Para Althusser, a linguagem é o canal mediante o qual se pode depreender o funcionamento da ideologia.

Desse fundamento, origina-se a ideia de que, como as ideologias têm existência material, elas tendem a ser estudadas como um conjunto de práticas materiais que reproduzem as relações de produção. Esse fundamento refere-se ao materialismo histórico, que se constitui como um importante pilar epistemológico sobre o qual se fundou a AD.

Sumariamente, a AD, que toma por objeto o discurso “no qual confluem a língua, o sujeito e a história” (GREGOLIN, 2003, p. 25), procurava compreender a produção de sentidos em uma sociedade. Os sentidos e os efeitos de sentido, quais sejam, históricos e sociais (teoria marxista); realizados por sujeitos (teoria freudiana); realizáveis por meio da materialidade da linguagem (teoria saussuriana).

Assim, para que o texto seja considerado como discurso, é imprescindível levar em conta sua estruturação em relação às condições de produção, consoante o que assevera Gravitiz (1990 apud PAVEAU; SARFATI, 2006, p. 202), cuja constatação

decorreu da afirmação do próprio Pêcheux (1997a, p. 77, grifo do autor): “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas”. A Análise do Discurso não considera o sentido como um elemento imanente ao texto, mas com sua relação com um exterior. Nesse sentido, destaca-se:

[...] na abordagem que nos interessa aqui e que é representada pelo que se denomina Escola francesa, definiremos a análise do discurso como a disciplina que estuda as produções verbais no interior de suas condições sociais de produção. Essas são consideradas como partes integrantes da significação e do modo de formação dos discursos. A análise do discurso distingue-se da linguística textual, cujo objeto é o funcionamento interno do texto, e da análise literária que, mesmo considerando o contexto, não repousa sobre o postulado da articulação entre o linguageiro e o social (PAVEAU; SARFATI, 2006, p. 202).

Compreender as relações que o sujeito estabelece entre mundo/linguagem/sentido permite constatar que tais relações não se procedem de forma transparente e, sobretudo, que seus discursos devem ser pensados em seus processos histórico-sociais de produção.

Para Gregolin (2006b, p. 62, grifo da autora), “é nesse artigo, também, que Pêcheux refina análise das relações entre língua, discurso, ideologia e sujeito, formulando sua teoria dos dois esquecimentos”: sob a ação da interpelação ideológica, o sujeito pensa que é a fonte do dizer, pois este se apresenta como uma evidência”. É nesse momento também que Pêcheux assume a utilização da noção de formação discursiva, emprestada a Foucault.

Por fim, a AD concebe a leitura como um modo de compreensão que passa pelo viés da interpretação, do processo de geração dos sentidos de um texto, os quais se relacionam com as formações discursivas e ideológicas que interpelam os sujeitos no ato da interação linguística.

3 A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTOS MULTIMODAIS

Com base no pensamento de Orlandi (2007), é por meio da linguagem que se estabelece a relação entre o homem e a realidade natural e social. Além disso, para a autora, o discurso é a palavra em movimento, caracterizando-se, ainda, como prática de linguagem. Com isso, cabe reforçar, conforme a pesquisadora, que:

A Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com

homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto membros de uma determinada forma de sociedade (ORLANDI, 2007, p.16).

Com base, ainda, nos pressupostos Orlandi (2007), a AD fundamenta-se em uma teoria não subjetiva da leitura, a que representa uma relação específica e crítica da AD com a linguística. Esta relação inclui o sujeito, mas, ao mesmo tempo, o descentra, destituindo-lhe da classificação como fonte e responsável pelo sentido que produz, ainda que o considere parte do processo de produção. Igualmente, esta teoria considera que os sentidos não são transparentes, pois o discurso se coloca no lugar particular em que se articulam a linguagem e a ideologia.

Para construir seus discursos, o homem assimila a formação discursiva (FD)⁴ do grupo social do qual ele faz parte, e, desse modo, reage linguisticamente aos acontecimentos. O discurso, pois, é mais o lugar da reprodução que o da criação. (FIORIN, 2007, p. 32).

Desse modo, para que se possa compreender o processo discursivo e os sentidos que ele pode produzir, é essencial estabelecer relações entre o sujeito e as práticas discursivas que o inscrevem numa e noutra; ou, numa e não noutra FD, alternadas pelas circunstâncias em que se produzem os dizeres, uma vez que o sentido se determina não no dizer, em si mesmo, nem tampouco nas intenções de quem diz.

A noção de Formação Discursiva (FD) é tributária de Michel Foucault, que a conceitua da seguinte forma:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (FOUCAULT, 2004, p.43).

A formação discursiva, segundo Orlandi, é o que determina o que pode e o que não pode ser dito. Considerando que o discurso é a materialidade específica da ideologia e a língua é a materialidade do discurso, podemos dizer que, destas relações entre ideologia e língua, resultam a constituição do sujeito e do sentido. Sujeito e sentido,

⁴ O conceito de formação discursiva aparece pela primeira vez em Michel Pêcheux no seu artigo A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso. Michel Pêcheux trabalha com a noção de Formação Discursiva, emprestada de Foucault e desenvolvida a partir de uma ótica marxista

dessa forma, constituem-se ao mesmo tempo. É dizendo-se que o sujeito se constitui (ORLANDI, 2006).

Orlandi (2007) declara que o sujeito filia-se a redes de sentidos quando fala, mas não aprende como fazê-lo, fica ao sabor da ideologia e do inconsciente. Assim, a partir das relações que as pessoas têm com a língua e com a história, pelas experiências de mundo, por meio da ideologia.

Em narrativas digitais, os sentidos produzidos pelas diversas formas de representação traduzem uma confluência de elementos provenientes tanto da ordem do imaginário quanto da ordem do real, isto é, o sujeito lança perguntas – subjetivas – ao outro – imaginário – ou ao seu “outro eu” através da rede, numa atitude que reflete o seu caráter de dispersão e de incompletude e que, ao inserir-se no mundo virtual, o sujeito se deixa perpassar por características de uma FD – virtual – que, ao mesmo tempo em que o atravessa, o constitui enquanto sujeito.

Com base nos fundamentos da Análise de Discurso (AD), pode-se entender que a interpretação de um texto não pode ser tomada como algo definitivo, na medida em que o texto, tomado como um elemento de materialização do discurso, jamais será interpretado do mesmo modo por sujeitos diferentes. Sendo assim, é considerar a diversidade dos leitores, as marcas ideológicas que envolvem a produção da leitura. Partindo-se desse fundamento, Eni Orlandi, no texto *Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*, assevera que “ele é um bólido de sentidos”; quer dizer isso que o texto é sempre um bloco de sentidos, uma cadeia plurissignificativa, que não deve ser entendido como um produto inerte, apático às relações com a sua exterioridade.

A AD, conforme Orlandi (2007), tem como base uma teoria não subjetiva da leitura. Esta teoria não-subjetiva representa uma relação específica e crítica da AD com a linguística. Esta relação inclui o sujeito, mas, ao mesmo tempo, o descentra, não o considerando fonte e responsável pelo sentido que produz, ainda que o considere parte do processo de produção. Da mesma forma, esta teoria considera que os sentidos não são transparentes, pois o discurso se coloca no lugar particular em que se articulam a linguagem e a ideologia.

O texto multimodal, a exemplo das narrativas digitais (interativas, multimidiáticas e não lineares), constitui-se como um novo espaço sofisticado para a circulação de ideias, de forma criativa e interativa. Trata-se de uma categoria de textos que são vistos como produção de significado em múltiplas articulações.

Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 42), citados pelas autoras, “atribuem a mudança de significado à interação midiática, motivada pela natureza textualmente mediada da vida social contemporânea”. Para esses linguistas, o discurso escrito é um discurso mediado porque, segundo eles, contribui para aumentar o distanciamento espaço-temporal entre os agentes do discurso”. (SILVESTRE E VIEIRA, 2015, p. 16).

Sobre isso, as autoras ainda asseveram que, partindo de um domínio social para outro, um evento discursivo carrega o caráter simbólico da primeira representação e, “ao ser reutilizado em outro contexto social, em outro espaço, terá a seu dispor um leque de possibilidades para a nova simbolização agora midiaticizada” (SILVESTRE E VIEIRA, 2015, p. 16). Desse modo,

... o evento discursivo escrito já não representa exatamente o fato real, pois já se tornou uma representação de outro discurso anteriormente representado, tornando-se assim uma segunda ordem de representação mais complexa do que a primeira. Então, cada vez que certo evento discursivo é mediado por diferentes tecnologias é, do mesmo modo, objeto de nova representação, ao que denominamos reconfiguração ou recontextualização do discurso, fato que agrega cada vez mais complexidade a essas representações. (SILVESTRE E VIEIRA, 2015, p.17).

Compreende-se, como defendem as autoras, que as múltiplas semioses têm papel relevante na construção dessas camadas de reconfiguração da linguagem, na medida em que as representações realizadas por meio das imagens e das cores, por exemplo, aproximam mais o discurso representado da realidade. (SILVESTRE E VIEIRA, 2015,

Relativo a essa questão, cabe, ainda, ressaltar o pressuposto de Kress e van Leeuwen, a Teoria Multimodal do Discurso, cujo principal alicerce fundamenta-se na gramática do design visual, apresentada na obra *Reading images* (KRESS e VAN LEEUWEN, 2006 [1996]).

Tomando o discurso como reflexo contínuo de práticas sociais e discursivas, é inegável que ele esteja vulnerável às influências das múltiplas semioses, presentes nos demais discursos multimodais que nos circundam. Sobre esse fator, Fairclough (2006) inferiu que:

... as mudanças nas práticas discursivas ocorrem principalmente por meio da recontextualização, que se expressa por intermédio de um hibridismo intertextual e interdiscursivo, presente em elementos recontextualizados que estabelecem novas articulações discursivas, às quais adjungem outros elementos de discursos já existentes. Esses, por sua vez, transformam-se em novos modos discursivos, agregados aos novos gêneros e estilos do discurso.

Reiterando essa ideia, Poster (1996) expõe que é para se reconfigurar em quaisquer práticas discursivas, a linguagem, incondicionalmente, deve refletir as mudanças decorrentes dos usos dos media na comunicação, “os quais contribuem para estabelecer, divulgar e reproduzir ideologias, capazes de sustentar ou de manter desigualdades e injustiças sociais, além de revelar as relações de poder presentes no discurso”, aspecto também defendido por Fairclough (1989).

Toda essa transformação refletiu nos processos de construção de significados na medida em que, são esses agentes ativos que estão responsáveis pela produção de sentido nesses novos formatos de textos. Sobre isso, cabe salientar, conforme Halliday e Hasan (1989), que um texto não é construído de palavras e de sentenças, mas de significados, pois se não fosse pelo abundante uso da escrita e da imagem, a fala estaria ainda restrita aos contextos interacionais face a face.

4 A ESCRITA REPRESENTATIVA DOS SUJEITOS PRODUTORES DE NARRATIVAS DIGITAIS

O trabalho que vem sendo realizado com duas turmas de 9º ano tem criado possibilidades de se comprovar o potencial das narrativas digitais para os jovens aprendizes, os chamados nativos digitais, também conhecidos como geração Y, para os quais as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), aliadas às novas mídias digitais, são suportes e meios mais interessantes para se relacionarem e realizarem boa parte de suas atividades diárias.

São imponderáveis as prerrogativas de uma prática pedagógica que possibilita a exploração da criatividade para a expressão estética e para o uso da imaginação,

utilizando ferramentas digitais aliadas às mídias sociais, é uma valiosa estratégia da qual a escola não deve prescindir. De acordo com Carvalho (2008):

A construção e produção de narrativas digitais constituem-se num processo de produção textual que assume o carácter contemporâneo dos recursos audiovisuais e tecnológicos capazes de modernizar 'o contar histórias', tornando-se uma ferramenta pedagógica eficiente e motivadora ao aluno, ao mesmo tempo em que agrega à prática docente o viés da inserção da realidade tão cobrada em práticas educativas.

Consoante o pensamento de Bruner (2002, p. 46), a narrativa, em sua essência, configura-se em “uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou atores”.

Ainda segundo o autor, o sujeito é formado “com um conjunto de predisposições para interpretar o mundo social de uma forma particular e para agir sobre as nossas interpretações”, em outras palavras, somos dotados de “aptidão para o significado” (p. 69).

Com base nos pressupostos de Michel Pêcheux, pretende-se, aqui, analisar os efeitos de sentido materializados nos textos multimodais, mais precisamente nas narrativas digitais produzidas recentemente pelos alunos das turmas mencionadas. Cumpre, pois, buscar compreender esses textos a partir da percepção do modo pelo qual eles se inserem na atividade discursiva.

A língua, para a AD, é concebida como materialidade linguística que serve de base para a ocorrência do discurso. É ela que fornece pistas ou marcas que podem ou não serem evidentes para a compreensão do discurso e efeitos de sentido por eles explorados.

À lua da AD, a princípio, buscou-se realizar a análise interna e externa do discurso mediado pelos textos apresentados nas narrativas de digitais. Em outras palavras, a intenção primeira é a de compreender os sentidos construídos a partir do que o texto diz e como ele diz, e, então, entender por que o texto diz o que diz.

Tomando-se como referência as imagens retiradas dos textos produzidos pelos alunos, pode-se compreender as seguintes relações de sentido.

4.1 A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NAS IMAGENS PRODUZIDAS E/OU SELECIONADAS PELOS ALUNOS

Imagem 1



Fonte: narrativas digitais

Uma das prerrogativas de se trabalhar com a multimodalidade é que a possibilidade da articulação entre semioses diversificadas confere ao texto um certo requinte, a exemplo do que ocorreu nessa imagem, em que a bandeira⁵, representativa do reconhecimento de uma dada cultura, complementa o sentido do texto.

Imagem 2



Fonte: narrativas digitais de autoria dos alunos

⁵ A bandeira LGBTQIA+ é o símbolo do orgulho, do reconhecimento e da cultura LGBTQIA+ a nível mundial. Desenhada pelo artista plástico Gilbert Baker, em 1977, pintada com cores semelhantes às do arco-íris, representando a diversidade humana.

O conteúdo das imagens 1 e 2 pode servir para corroborar o fato de que a formação discursiva é o que determina o que pode e o que não pode ser dito; é “[...] a natureza imaginária (da relação entre os homens e as suas condições reais de vida) que fundamenta toda a deformação imaginária que se pode observar em toda ideologia”. (ALTHUSSER, 1980, p.81).

Analisando esses enunciados, pode-se compreender os efeitos de sentido sobre a identidade da juventude contemporânea, dado o modo como o jovem se representa nas narrativas por eles produzidas. Sendo assim, tendo em vista a atual conjuntura social, cujas mudanças configuram-se mediante influência da sociedade, da História e do momento histórico marcado pela globalização mundial, parte-se do “princípio de diferenciação” (FOUCAULT, 1972), que significa a produção discursiva da relação do jovem com o tema da homossexualidade.

O que possibilitou essa abertura de que os alunos têm se aproveitado para assumir uma identidade sexual foi o reflexo da influência do movimento homossexual sobre a sociedade moderna, caracterizada por grandes transformações, a exemplo do que se expôs em: “... Poderia ser se meus pais não fossem tão mentes fechadas”. No entanto, o discurso dos alunos expresso em suas narrativas não traduz a expressão da consciência que eles têm acerca dos fatos, mas a reprodução dos discursos que eles assimilam de uma ou outra formação discursiva.

Imagem 3



Fonte: narrativas digitais de autoria dos alunos

Assim como a identidade sexual assumida pelos jovens, os temas que tratam de questões religiosas têm se propagado entre os indivíduos com uma autoafirmação sem precedente na história, tendo em vista o preconceito religioso, que, se atualmente, é de grande abrangência social; há um tempo, era mais opressor, na medida em que assumir uma ideologia acerca de uma religião condenada pela discriminação, não encontrava amparo nas formações ideológicas das classes dominantes.

A partir do momento em que a publicidade passou a propagar essa ideologia, possibilitando que as maiores gravadoras musicais passassem a vendê-la, as pessoas, por influência dos artistas evangélicos, passaram a assumir essa identidade, visto que a sociedade sempre esteve vulnerável e obediente às imposições da moda, da publicidade.

Desse modo, a fala do indivíduo, em certas circunstâncias, não é, resolutamente, uma escolha própria, na medida em que o seu dizer perpassa por outros dizeres abstraídos da formação discursiva a que o indivíduo pertence. É o que Pêcheux denomina de interdiscurso ou, ainda, “o todo complexo com dominante das formações discursivas” (1988, p.162).

Em outras palavras, pode-se levar em conta que o discurso que se insere nas imagens 1, 2 e 3, cujos temas envolvem questões que, em outros tempos, não encontravam respaldo nos debates escolares corrobora a ideia de que, das relações entre ideologia e língua, resultam a constituição do sujeito e do sentido, visto que a língua é a materialidade do discurso. Dessa forma, entende-se que “... a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”. (ORLANDI, 2001, p. 46).

Imagem 4



Fonte: narrativas digitais de autoria dos alunos

Imagem 5



Fonte: narrativas digitais de autoria dos alunos

As imagens 4 e 5 foram extraídas dos vídeos utilizados na mesma narrativa, em que a aluna optou pelo tema “as experiências de estudo no ensino fundamental”. A proposta da atividade na aula de Língua Portuguesa, segundo a qual, a escolha do tema era, relativamente, livre, visto que se tratava das melhores experiências vivenciadas pelo aluno.

Tendo em vista que a aluna selecionou arquivos produzidos nas aulas de Matemática para narrar suas experiências de estudo pode-se inferir, “pelo não dito”, duas possibilidades acerca do sentido construído nessa produção:

1. A aluna está se desenvolvendo melhor nos assuntos relativos à disciplina de Matemática;
2. A aluna tem se esforçado mais para estudar os conteúdos da disciplina porque tem mais dificuldade que em Língua Portuguesa.

Com isso, outros elementos podem servir de pista para uma compreensão do sentido atribuído nesse discurso, nesse caso, a função textual ou de mensagem, a qual se relaciona com a coesão e a coerência na composição textual, implicitamente. A função textual organiza e estrutura as informações no texto por meio de frases soltas.

Por esse princípio, pode-se presumir que as prováveis dificuldades em relação à Matemática foram superadas, o que leva a crer que a segunda proposição traduz o sentido desses enunciados.

Para Orlandi (1999, p.30), “os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos”. Por conta disso, os enunciados produzidos pelos homens não são apenas mensagens a serem decodificadas, mas processos de significação presentes no texto, e isso requer do analista a “escuta” de outros sentidos que dão existência ao enunciado.

Essa questão pode ser representada com o que ocorre com o sujeito-aluno, tendo em vista que a condição de produção é mediada pela ideologia escolar. Isso significa que o aluno não diz o que quer dizer, mas é assujeitado pela ideologia, na medida em que seu dizer não é livre. Isso significa que a ideologia assume um papel relevante no processo de interdição dos sentidos. (PÊCHEUX, 1988). Conforme o autor, o discurso é efeito de sentidos entre os interlocutores, e determinado, segundo Pêcheux, pelas “condições de produção”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que os textos multimodais caracterizam-se como produção de significado em múltiplas articulações, torna-se essencial que levar em conta diferentes possibilidades de análise em vista de determinados fatores, de acordo com a AD, quais sejam, a influência da sociedade, da História e do momento histórico.

Desse modo, para que se possa compreender o processo discursivo e os sentidos que ele pode produzir, é essencial estabelecer relações entre o sujeito e as práticas discursivas que o inscrevem numa e noutra; ou, numa e não noutra FD, alternadas pelas circunstâncias em que se produzem os dizeres, uma vez que o sentido se determina não no dizer em si mesmo, nem tampouco nas intenções de quem diz.

Sobre essa questão, fica evidente a observação de Fiorin (2007) de que, “a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que constitui o conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo”. O indivíduo, ao longo do processo de aprendizagem da linguística, vai assimilando a Formação Discursiva do grupo social no qual está inserido.

Cumprir reforçar que, já que os sujeitos, nas relações que estabelece com o mundo/linguagem/sentido, não são transparentes, é preciso levar em conta os processos histórico-sociais em que os discursos são produzidos.

Pode-se, pois, inferir que, para a análise mais eficiente acerca dos sentidos produzidos em texto multimodais, é insuficiente interpretar os dados obtidos após a automatização; para tanto, é essencial estabelecer relações com a ideologia, com os sujeitos e com o contexto histórico-social.

É imprescindível, pois, uma investigação acerca da possibilidade de agrupar contextos diversificados com recursos hipermidiáticos, explorando a hibridização, o que, além de ser algo inovador, tem grande relevância para o desenvolvimento dos jovens para sua inserção no universo dos multiletramentos.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos do estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

BAKHTIN, M. M./VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981[1929], 2ª edição brasileira.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: Do leitor ao navegador**. SP: EDUNESP, 1998[1997].

COURTINE, J.-J. Analyse du discours politique: le discours communiste adressé aux chrétiens. **Langages**, n. 62, 1981.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FIORIN, José Luiz: **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2007, 8ª edição.

GREGOLIN, M. R. V. Análise do discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. (Org.). **Teorias linguísticas: problemáticas contemporâneas**. Uberlândia: EDUFU, 2003, p. 21-34.

_____. Bakhtin, Foucault, Pêcheux. In: BRAIT, B. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006a. p. 33-52.

_____. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Claraluz, 2006b.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 13-36.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004. v. 1.

PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Élia. **As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática**. Tradução de Maria do Rosário Gregolin et al. São Carlos: Claraluz, 20

PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD, P. et al. **O papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. 3. ed. Campinas: Pontes, 2010.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 4ª. ed. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1997b.